

## Estratégias de mobilidade territorial da população na Amazônia: múltiplas conformações, categorias restritas

---

Juliana Mota de Siqueira  
Maria Isabel Sobral Escada  
Antônio Miguel Vieira Monteiro

### Resumo

No atual contexto mundial a globalização se intensificou e se diversificou. A evolução de objetos técnicos em áreas como comunicação e transporte interligam os espaços, de modo a assumir com cada vez mais intensidade a conformação simbólica de redes e fluxos que resignificam os lugares (Castells, 1999). Nesse espaço fluido, a mobilidade se impõe praticamente como uma norma. Ritmados com frequência pelo imperioso modelo capitalista de compressão do espaço-tempo, assim como as mercadorias, as informações e os investimentos, os homens também se deslocam como resposta às renovadas necessidades de acumulação do capital.

Cabe ressaltar, contudo, que as diversas formas de mobilidade populacional no território não se manifestam de modo homogêneo entre os diferentes grupos sociais. O deslocamento de pessoas no espaço físico em suas múltiplas configurações – incluindo, portanto, a imobilidade – varia segundo motivos, escalas de tempo e espaço que tornam o tema uma verdade complexa, que permite diversas vias de reflexão. Na Amazônia brasileira, objeto de estudo desse trabalho, a diversidade de tipologias de mobilidade populacional é evidente. Acumulam-se em seus lugares, tipologias de mobilidade territorial da população de dimensões sincrônica e diacrônica que tornam a região um *locus* privilegiado de observação do fenômeno.

Para além do imaginário construído de um lugar inabitado ou uma fronteira móvel, sob os moldes da proposta de Frederick Jackson Turner, a Amazônia converge em si uma grande diversidade de origens, culturas e saberes que motivados por diferentes estratégias de mobilidade, remontam a história social, política e econômica da região. Contudo, esta diversidade de estratégias e sua matriz de tempo e espaço são frequentemente enquadradas em estruturas teóricas e metodológicas nem sempre comprometidas com a densidade da questão e com as especificidades locais e regionais da Amazônia. Dicotomias tradicionais, tais como “imigrante” e “emigrante”, “origem” e “destino” e mesmo “rural” e “urbano” são insuficientes para explicar o fenômeno. Isso se explica em parte porque a mobilidade populacional, isolada do contexto de análise, configura-se por si só como um objeto de disputa na literatura especializada. Combinado a isso, a Amazônia guarda em si uma grande diversidade de elementos, tais como as sazonalidades, ecossistemas, infraestruturas de transporte e comunicação, políticas institucionais, migrantes internacionais e atividades econômicas que circunscrevem na região modalidades de deslocamento populacionais nem sempre evidentes e generalizáveis.

Neste contexto, no âmbito do projeto UrbisAmazônia, preocupados em apreender os processos envolvidos na mobilidade territorial da população na Amazônia e com seus reflexos no território, desenvolveu-se no ano 2013 um levantamento de campo, que juntamente com os dados do Censo Demográfico 2010, buscam evidenciar algumas de diferentes estratégias de mobilidade presentes na Amazônia. Além disso, futuramente pretende-se, por meio do uso de técnicas de mineração de dados e métricas de paisagem, associar estas diferentes estratégias às mudanças nos padrões de uso e cobertura da terra.